

DESAFIOS E PERSPECTIVAS ACERCA DA DOCÊNCIA DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE OBSERVAÇÃO

José Paulo Alexandre de Barros Júnior¹

Thaynã Emanoela Guedes Carneiro²

RESUMO

O presente artigo traz uma análise da prática docente no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, fundamentada nas vivências no Estágio Supervisionado de Língua Inglesa do curso de letras da Universidade de Pernambuco, *Campus* Mata Norte. No Ensino Fundamental II, as práticas de observação voltaram-se para a compreensão da leitura e da escrita – *writing* e *reading*. Já no Ensino Médio, focamos o trabalho da prática e da habilidade linguística de leitura, já que se trata de uma habilidade que faz parte dos descritores do Exame Nacional do Ensino Médio. Considerando os desafios de ensinar língua inglesa na educação básica, é necessário que o professor de língua estrangeira possua uma consciência sócio-política para expandir e adaptar seus métodos de ensino às diferentes realidades dos discentes. Portanto, torna-se necessário avaliar as competências e as visões de ensino dos docentes nesse contexto.

Palavras-chave: Prática docente, Ensino de Língua Inglesa, Educação básica, Estágio Supervisionado.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como propósito analisar e problematizar o perfil do professor de língua inglesa na educação básica, a partir das experiências na disciplina de estágio I da Universidade de Pernambuco, *Campus* Mata Norte. A disciplina tem como objetivo a observação de profissionais da área de letras, mais especificamente os profissionais da área de língua inglesa. Assim, o presente artigo conta com a descrição acerca das observações e experiências docentes nas aulas de inglês nas etapas do Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, avaliando a prática pedagógica dos mesmos neste contexto.

No Ensino Fundamental II, as práticas de observação tem como objetivo principal observar a prática da compreensão da leitura e da escrita – *writing* e *reading*. Já no Ensino Médio, o objetivo é observar o trabalho da prática e da habilidade linguística de leitura, pois esta é a habilidade que faz parte dos descritores do Exame Nacional do Ensino Médio.

O estágio Supervisionado é uma das etapas mais importantes na vida acadêmica dos alunos de licenciatura, possuindo uma proposta com o objetivo de propiciar ao aluno a

¹ Graduando do Curso de letras da Universidade de Pernambuco - UPE, josepauloj08@gmail.com;

² Graduada pelo Curso de letras da Universidade de Pernambuco - UPE, thayguedesc@gmail.com;



observação, a pesquisa, o planejamento, a execução e a avaliação de diferentes atividades pedagógicas. Em decorrência disso, o aluno estagiário pode compreender todos os níveis da sua área de formação, buscando melhores caminhos a serem explorados em sua formação tanto profissional quanto pessoal.

Na Universidade de Pernambuco – *Campus* Mata Norte, o programa de estágio supervisionado pelo NAE – Núcleo de Apoio ao Estágio, está disposto basicamente em duas etapas, o de observação e o da prática de ensino na escola campo de estágio. Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB - 9394/96 o estágio deve objetivar a aproximação do futuro docente com a sua futura realidade social.

Desta maneira, os dispositivos jurídicos que regulamentam o estágio nos cursos de licenciatura, no que tangem as atividades campo de pesquisas e desenvolvimento de propostas pedagógicas, bem como a estruturação da disciplina de estágio ao longo do currículo evoluem no aspecto de que este contato prático com o futuro campo de trabalho do licenciando se dê no decorrer do curso, não apenas no momento que saem da universidade.

2. METODOLOGIA

O presente artigo possui metodologia qualitativa, pois “envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem” (AUGUSTO *et all*, 2013, p. 747). O estágio aqui analisado desenvolveu-se do dia 2 de setembro até 12 de novembro de 2019, em séries pertencentes ao Ensino Fundamental e Ensino Médio, no qual as escolas campo de estágio pertencem a Rede Estadual de Ensino. Sua carga horária total é de 50 horas, sendo 40 horas para observação das aulas e 10 horas devidamente divididas para entrevista com gestores, professores, análise de planejamento bimestral, plano de aula e materiais didáticos usados pelos professores de língua portuguesa que serão observados.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O estágio e a formação docente



O estágio curricular obrigatório configura-se como o primeiro contato do aluno de graduação com as atividades docentes. Tratando-se do ensino de língua estrangeira, a experiência mostra-se bastante desafiadora, visto que lecionar língua inglesa exige manejo e domínio de diversos aspectos da língua que transcendem puramente a questão gramatical:

O estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais, em contraposição à teoria. Não é raro ouvir, a respeito dos alunos que concluem seus cursos, referências como “teóricos”, que a profissão se aprende “na prática”, que certos professores e disciplinas são por demais “teóricos”. Que “na prática a teoria é outra”. (PIMENTA e LIMA, 2012, p. 33).

Mesmo possuindo uma boa base teórica oriunda de uma boa formação acadêmica, o primeiro contato com a realidade escolar é rodeado por medo, ansiedade e expectativas positivas e/ou negativas. Apesar de todos estes sentimentos estarem presentes, o estudante de graduação não tem outra opção a não ser encarar os desafios da futura profissão escolhida. Será nesta etapa que ele vai manusear o conhecimento e epistemologias teóricas de metodologia do ensino adquiridas no decorrer da graduação como ferramentas para seu sucesso profissional.

No dado momento, esta etapa obrigatória definida como projeto de curso nas universidades, “se configura como um espaço de interlocução mútua entre os formadores, estagiários e professores colaboradores, não sendo mais visto apenas como um espaço de prática para os futuros professores” (GIMENEZ; PEREIRA, 2007, p. 97). Assim, é possível observar que esse vínculo estabelecido é um meio de diminuir a distância entre a teoria e prática, como já foi supracitado antes.

Exercitar a relação teoria e prática no estágio é condição necessária para que o aluno aprenda e interprete dados da realidade, relacionando-os com outros conhecimentos e saberes (DE ANDRADE, 2005, p.8), assim

[o] papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade (PIMENTA e LIMA, 2012, p. 43).

Com isso, é possível interpretar os dizeres de Paulo Freire em “Pedagogia da Autonomia”, quando ele defende que não há docência sem discência. Pensar num ensino em que o professor é dotado de todo o saber é o mesmo que excluir todo o conhecimento que o aluno possui. Por isso, o estágio dá voz a estes dois corpos presentes numa sala de aula: o docente, que tanto ensina quanto aprende; e o discente que se faz do mesmo processo. Então “quem forma se forma



e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 1997, p.12), assim, “[e]nsinar inexistente sem aprender e vice-versa” (idem. p.12). Cabe o estagiário conseguir associar as teorias estudadas sobre o ensino aprendizagem à realidade observada, buscar identificar e refleti-las a fim de diagnosticar e intervir em situações em que o professor é o centro-autoritário-superior, o que Paulo Freire chama de “ensino bancário”.

Ter noção do quão inoportuno é a prática “bancária”, viabiliza o discente (se já não docente) entender que ensinar exige rigorosidade metodológica, o que se aplica a saber entender as dificuldades de seus alunos, e desta forma descobrir neles o que precisa ser modificado em sua metodologia a fim de produzir condições para que seja possível aprender criticamente.

Tudo isso pode ser assustador para o licenciando que ainda não leciona, pois o que conhece sobre o ramo está somente no papel e nas teorias. O advento do estágio é justamente o oposto, é nesta etapa em que a prática prova que a teoria serve como base mas não como preparo. O papel do estágio é uma amostra grátis do que ser ou não ser com seus futuros alunos, desempenhando assim sua função de instigar os licenciandos, desafiando-os para dar seu melhor e mudar um sistema que ainda precisa de muito para ser perfeito.

Em suma, novamente sobre “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire, ensinar exige: bom planejamento metodológico; pesquisa; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; 4 estética e ética; corporificação das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática; reconhecimento e a assunção da identidade cultura

À vista disso, ensinar línguas transcende questões de domínio linguístico e elementos sistêmicos do objeto de estudo. Muito pelo contrário, o fazer docente exige uma reestruturação do próprio espaço cultural e da subjetividade, visto que ao aproximar os estudantes a um contexto de um novo idioma, estarão os aproximando também de uma nova cultura que poderá dar novas ressignificações aos seus próprios contextos identitários.

3.2 O papel docente no contexto escolar

Num processo educacional eficiente, o aluno deve ser considerado como protagonista da educação e não deve ser envolvido num processo mecânico de ensino voltado a preencher lacunas ou exercícios de fixação que utilizam textos como pretexto para o ensino normativo da língua. O aluno deve sim se moldado a expandir seus conhecimentos científicos para utilizá-los



em sua total “capacidade de pensar criticamente os problemas e desafios postos pela realidade social”. (LIBÂNEO, pág. 23, 2013).

O papel da atuação docente no contexto escolar passa então a ter um papel de menor destaque em sala de aula, porém não menos relevante: o de mediador do conhecimento. Ele deve levar em conta que seus alunos já entram na sala de aula com conhecimentos prévios adquiridos na sua experiência e vivência num mundo tecnológico. O professor ciente disso, deve aproveitar estes conhecimentos para a construção daqueles que o aluno não teve contato ainda e, de maneira objetiva e funcional, mostrar ao aluno um novo mundo de informações.

É dever do professor colocar de lado as hierarquias existentes dentro da sala de aula e dar voz e espaço ao seu aluno, instigando sua curiosidade quanto aos temas apreendidos na escola e fornecer meios para desenvolver sua autoestima na busca de sempre querer mais, e de se fazer um ser pensante e ouvido dentro da sociedade. Para Paulo Freire (2002), a relação professor-aluno atravessa as paredes do campo escolar, vai às ruas, aos bairros, as casas e chega a sociedade. Assim, o professor enquanto uma representação para o aluno, forma indivíduos acima de tudo para atuarem como cidadãos plenos na sociedade. Desta maneira, profissionais da educação devem mostrar que a oferecer muito mais do que as notas escolares tiradas em testes e provas de um sistema que engessado que não desenvolve em nenhum aspecto seres humanizados.

3.3 A concepção de linguagem do professor de inglês

É necessário que o professor de língua estrangeira possua uma consciência sócio-política para expandir e adaptar seus métodos de ensino às diferentes realidades dos discentes. Muitos professores de inglês, principalmente os de escolas públicas onde a origem dos alunos (bairros mais periféricos geralmente), dificultam o contato deles com a língua por caírem na falácia de crenças infundadas como “Mal sabem português, por quê ensinar inglês?”.

Tais preconceitos linguísticos persistem em professores que necessitam de uma formação continuada adequada. Tais profissionais possuem uma visão linguística que valoriza a norma padrão e não conseguem incorporar a variante linguística dos alunos ao ensino da gramática, o que acaba por conseguinte espelhando no ensino da língua inglesa.

Educar é estabelecer comportamentos que serão vantajosos para o indivíduo em um tempo futuro, isso porque a educação dá ênfase à aquisição do



comportamento em lugar de sua manutenção. (Skinner, 2003, p. 437-438 in Teorias da Aprendizagem)

Por ter contato com princípios de sociolinguística, além de possuir uma formação humana mais atual graças à variada grade de componentes curriculares pedagógicos e metodológicas, o jovem licenciando em formação tem a chance dentro do estágio de perceber os erros e principalmente os acertos do professor durante a prática de observação.

Tratando-se do ensino da língua inglesa, é uma chance para este de imaginar como aplicar métodos mais modernos ao ensino da língua como o uso da música, das redes sociais e de materiais mais próximos da realidade dos alunos. Também é possível impulsionar o uso de métodos mais padronizados como o isolamento das modalidades como *Writing*, *Reading* e *Listening*.

No processo de ensino da língua inglesa, o papel do professor é de extrema importância pois ele deve apresentar a matéria de forma contextualizada, interessante e significativa. O papel da intervenção pedagógica é impulsionar o desenvolvimento do aluno e tem papel essencial na constituição do ser psicológico adulto, dos indivíduos que vivem em sociedades escolarizadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização das escolas-campo de observação

4.1.1 Caracterização da escola A.

A escola-campo para a observação das aulas de Língua Inglesa na modalidade de Ensino Fundamental foi a Escola de Aplicação Professor Chaves (EAPC). Essa instituição de ensino é mantida pelo Campus Mata Norte da Universidade de Pernambuco – UPE – e pela secretária de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco.

O Projeto Político Pedagógico tem como objetivo geral oferecer a todos da Escola de Aplicação Professor Chaves – Gestão escolar, corpo docente, discente, pais, demais funcionários, como também a comunidade escolar – um norte de modelo de educação defendido e posto em prática pela instituição. O documento foi elaborado coletivamente por todos que fazem parte da instituição. O Projeto Político Pedagógico está embasado nos princípios de



diretrizes de bases, baseado na Lei nº 9394/96. Atualmente, o PPP da escola está passando por mudanças.

Por possuir vínculo com a UPE, a instituição é lócus de estágio para os estudantes de graduação, acolhendo discentes tanto para cumprimento de estágio supervisionado, quanto para estágio extracurricular. No estágio extracurricular, a escola é famosa por ser um ótimo campo para adquirir experiências profissionais, pois dá uma autonomia, quase que total, aos seus estagiários, sendo eles responsáveis por preparar seus próprios planos de aula, provas e atividades em classe, assumindo - mesmo com horário reduzido e com acompanhamento de um orientador -, verdadeiramente, o exercício docente.

4.1.2 Caracterização da escola B.

A escola-campo para a observação das aulas de Língua Inglesa na modalidade de Ensino Médio foi a Escola de Referência em Ensino Médio Joaquina Lira (EREMJL). Atualmente a escola vive uma nova realidade em serviços de educação com a proposta do Programa de Educação Integral que para esta unidade de ensino foi mais que uma conquista alcançada, passando a perseguir um novo modo de fazer educação, tendo como foco fundamental o trabalho em equipe.

Durante a entrevista com a gestora, a mesma comentou acerca do PPP, porém não forneceu o documento alegando que estava em processo de atualização. Segundo a gestora, a escola possui um código de conduta que destaca valores éticos e morais, fazendo com que a instituição foque num ensino tradicional no que tange a construção de valores morais importantes para o convívio social, porém com uma metodologia de ensino moderna voltada para o estímulo do protagonismo juvenil.

4.2 Análise do perfil do professor.

4.2.1 Professora da escola A

A professora “A” responsável pelas turmas do Ensino Fundamental está na docência há dezoito anos, tem graduação em Letras com pós-graduação em Línguas Vernáculas. A professora é efetivo nessa rede de ensino e trabalha na escola campo de estágio há quase 4 anos. A professora “A” é pontual na maioria das vezes, atrasando-se cinco a dez minutos em alguns



casos. Planeja suas aulas mas não usa sequência didática para esse planejamento nem possui um caderno particular para elas. Suas atividades ficam planejadas em seu celular. A professora assim baseia as explicações de suas aulas em um livro de Língua Inglesa próprio que possui palavras em inglês, suas traduções e está dividido em seções de uso, não usa fichas, slides e o livro é usado unicamente quando alguma atividade dentro dele está de acordo com as anotações de *Vocabulary* dada por ele, como os animais, os países, as cores, partes da casa e etc. Ao final de toda aula expositiva é feita um exercício de fixação por parte dos alunos para fixarem a escrita das palavras em inglês valendo visto nos cadernos.

Na maior parte das aulas observadas, a professora trabalha a língua de forma estrutural, dando muita ênfase a gramática, com exercícios para preencher lacunas e achar os erros das frases, corrigindo-as em seguida em uma perspectiva Estruturalista da língua que está oposta a perspectiva da gramática sistêmico funcional de Halliday (2004), que trata a língua não como algo para ser trabalhado de forma unicamente escrita e estrutural de acordo com a norma padrão, mas sim, de forma contextualizada para as diversas formas – oral e escrita – e diversas situações na sociedade:

Por funcional, queremos dizer simplesmente que a língua está sendo usada em algum contexto, em oposição a palavras ou sentenças isoladas que poderiam ser colocadas em um quadro (...). Assim, qualquer instância de língua viva inserida em um contexto de situação, podemos denominar texto. Ele pode ser escrito ou falado, ou de fato em qualquer outro meio de expressão que nos leva a refletir. (HALLIDAY, 2004, p. 10).

Quando trabalha um novo grupo de palavras dá ênfase ao processo de fala e repetição para que os alunos adquiram as pronúncias daquele grupo de forma correta e possam ler as frases que são colocadas no quadro após o trabalho com as palavras isoladamente. Essa é a forma como o *Speaking* é trabalhado. O *Writing* é feito de forma corriqueira em todas as aulas sendo a modalidade mais usada por ele.

Sempre que é contemplado um conteúdo novo em sala de aula a professora “A” passa exercícios de fixação nos quais os alunos repetem cada palavra quatro vezes e faz um desenho que represente o significado das palavras, isso no caso de vocabulário; no caso de gramática é requisitado dez frases que articulem a gramática aprendida com vocabulários já vistos.

O *Reading* é trabalhado junto a compreensão de textos que são tragos e copiados no quadro pela professora que faz uma leitura geral para os alunos e depois outra leitura com os alunos repetindo frase por frase para depois trabalharem a compreensão do texto com perguntas e exercícios em sala e para casa. O *Listening* não é uma modalidade instigada pelo professor



em sala de aula, a única forma de contato dos alunos com essa modalidade é quando o professor pronuncia as palavras para que eles possam ouvir e escutar ou quando há a leitura coletiva dos textos, fora essas atividades o professor não trabalha outra.

Uma vez por bimestre, a professora prepara e oferece uma atividade lúdica aos alunos de cada sala que contempla todos os conteúdos estudados no bimestre, na maioria das vezes essa atividade lúdica é uma competição entre meninos e meninas, tornando-se o dia em que a maioria dos alunos se envolvem na aula e fazem questão de serem protagonistas.

4.2.2 Professora da escolas B

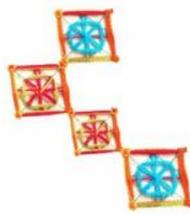
A professora B responsável pelas turmas de Ensino Médio está na docência há vinte anos, tem graduação em Letras e pós-graduação em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Inglesa. A professora é efetiva nessa rede de ensino e trabalha na escola campo de estágio há 4 anos.

A professora B é pontual, prepara suas atividades com antecedência mas também não faz uso de sequências didáticas, preparando suas atividades em um caderno particular com o apoio dos materiais distribuídos em suas diversas pastas nas quais estão várias atividades e conteúdos para todos os anos letivos, pois a professora é responsável por todas as aulas de Língua Inglesa das turmas do Integral da escola.

A professora B não utiliza o livro didático em suas aulas por não acreditar que ele seja um bom material, utilizando de anotações, fichas, jogos, músicas, cartolinas e slides para as aulas expositivas e atividades. As aulas da professora B são sempre contextualizadas dentro da realidade dos alunos, fazendo-os de exemplos durante as explicações dos conteúdos e aproximando a Língua Inglesa do aluno com aulas leves e dinâmicas.

A primeira atividade da professora B na primeira aula com as turmas é rezar o Pai Nosso em Inglês que foi ensinado previamente aos alunos. A professora trabalha as quatro modalidades em suas aulas: *Listening*, *Speaking*, *Writing* e *Reading*. O *Listening* é trabalhado através de músicas, *cartoons* e cenas de filmes que são todos contextualizados pela professora durante a aula.

Partindo para o *Speaking*, a professora B trabalha diálogos, a leitura de textos coletivamente e a repetição de palavras ou frases sempre de acordo com a gramática que está sendo aplicada em sala de aula. O *Reading* e o *Writing* são trabalhos de forma integrada, aliando a leitura de diferentes gêneros textuais em Inglês com sua compreensão mediante atividades



escritas que são respondidas no idioma estudado pelos alunos. Outra forma de atividade é utilizada para trabalhar o *Writing* que une a criatividade dos alunos com a capacidade de montar textos escritos que é a divisão das turmas em grupos para que cada grupo possam montar pequenos gibis em Língua Inglesa.

Durante o processo de observação é perceptível o grau de esforço, contextualização, dinamicidade e pesquisa aplicado na abordagem do conteúdo para que os alunos se interessem pelas aulas e obtenham um bom desempenho. Também aliado ao fato da relação entre a professora B e os alunos ser amigável e harmoniosa, já que a professora B sempre estava disposta a ajudar os alunos em seus problemas escolares e pessoais, a ouvi-los e aconselhá-los.

De acordo com Paulo Freire (2002), não se faz o ensino sem pesquisa e vice-versa. O professor deve estar sempre pesquisando em materiais didáticos e/ou na internet renovando, assim, seus conhecimentos, questionando suas práticas e esses novos conhecimentos encontrados para que ele possa gerar um novo olhar para a educação e para os alunos. Também de acordo com Paulo Freire, o professor deve pesquisar com os alunos sobre seus gostos, suas realidades e o espaço onde vivem para que possa conectar suas aulas a realidade do aluno.

Esse tipo de pesquisa faz parte da metodologia utilizada por esta profissional observada, dado que sempre está perguntando sobre seus interesses e utilizando-os como exemplos dentro da sala de aula. A avaliação dos alunos são feitas nos parâmetros da escola com a média da nota da P1 e P2. A P1 fica a critério do professor e a P2 é uma prova composta por dez questões objetivas no estilo ENEM (forma de avaliação da escola inteira). A professor B constitui a sua P1 com participação nas aulas, atividades de casa e em classe, exercícios individuais ou em grupos, que recebem determinada pontuação podendo somar ao final 10. Dessa forma, a avaliação dos alunos é feita de forma contínua, uma vez que o professor B avalia os alunos em todas as aulas, não somente em atividades valendo nota.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de observação proposta pelo programa de estágio no contexto escolar garantiu uma maneira efetiva de pensar as minhas futuras práticas metodológicas enquanto futura agente formadora. Além disso, o estágio também contribuiu para uma interação e troca significativa de saberes com as escolas da rede pública.



Percebe-se este processo possibilitou a vivência crítica da realidade docente, além e uma formação geral complementar, envolvendo outros campos do conhecimento necessários ao exercício do magistério.

Pode-se concluir que a prática pedagógica do professor de Língua Inglesa não está ligada apenas a seu domínio de conteúdo, mas também a tudo que está ao seu redor que demanda atenção para que a construção do conhecimento seja realmente efetiva. Diante disso, podem surgir desafios e situações adversas que surgem dentro da sala de aula. Mesmo ainda não estando em exercício naquele momento, pudemos pensar através das epistemologias teóricas que adquirimos no curso de Letras, maneiras de ressignificar práticas pedagógicas para desvencilhar da sala de aula tais problemáticas encontradas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AUGUSTO, Cleiciele Albuquerque; SOUZA, José Paulo de; DELLAGNELO, Eloise Helena Livramento; CARIO, Silvio Antonio Ferraz. (2013). Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, 51(4), 745-764.

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, 144 p. Disponível em: acesso em: 09/11/2016

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HALLIDAY, M.A.K. **Introduction to Functional Grammar**. 3º ed., Londres, 2004

PIMENTA, S. G. e LIMA M. S. L. **Estágio e Docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.